



O GUARDADOR DE MEMÓRIAS – ‘SEU MANOEL’ E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE BANANEIRAS

Vivian Galdino de Andrade
Gláucia Gomes de Souza

Universidade Federal da Paraíba. vivetica@hotmail.com; glauciagomes95@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de descrever as atividades realizadas pelo projeto de iniciação científica “A História da Educação do Município de Bananeiras através do olhar de Manoel Luiz da Silva (1920-1960)”, desenvolvido durante o interstício de 2016 a 2017. Traz como objetivo fazer um mapeamento de jornais, revistas e demais impressos que tematizassem a educação a partir das memórias e do acervo pessoal de seu Manoel Luiz da Silva. Responsável pelo *Memorial do Patronal Agrícola Vidal de Negreiros* e pelo arquivo documental do *Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias – CCHSA/UFPB*, este senhor é autor de diversos livros de memória sobre a história da cidade, e por isso passamos a considerá-lo como um guardador das memórias em/de Bananeiras. Nossa metodologia se baseou nos princípios da história oral, a partir de uma pesquisa descritiva, que partiu das seguintes etapas: entrevistas com o sujeito da pesquisa, mapeamento dos livros de memória e de seu acervo documental pessoal; digitalização e postagem das imagens no repositório já existente e criado por nós, HEB – História da Educação do Município de Bananeiras. Além de dar visibilidade ao trabalho realizado por este senhor em Bananeiras, acreditamos que a constituição e ampliação do acervo digital da cidade desperta as inúmeras possibilidades de pesquisas para o campo da história da educação na Paraíba.

Palavras-Chave: História da educação, arquivo, acervo digital

Em 1996, Gilberto Gil escreveu *Pela Internet*, uma música pertinente para abrir a discussão que desenvolveremos a seguir. Tomando a jangada como uma embarcação que veleja e conduz o leitor pelos rumos do tempo, passamos a refletir neste texto as atuais ferramentas que estão sendo utilizadas para fazer e pensar a história, principalmente quando tomamos como cenário de discussão a cidade de Bananeiras¹. A *home-page*, os *gigabytes*, a *web*, o *hotlink* são termos que aparecem citados na letra musical e que já constituem elementos de discussão de um campo teórico muito próprio, o dos Estudos Culturais do Software². Mas não é sobre ele que nos deteremos neste momento, e sim em associar esta nova discussão ao que se tem de tão próprio do passado — os documentos, jornais e revistas de época — sinais de um passado em Bananeiras rerepresentados pelas tecnologias digitais.

Desde o ano de 2015 que estamos trabalhando a relação viável entre a História da Educação e as Tecnologias, tomando como cenário de discussão a cidade de Bananeiras. Na realização do projeto PIBIC (2015-2016), realizamos o mapeamento de fontes (jornais, revistas e documentos diversos) sobre a História da Educação do município, o que levou a produção de um repositório digital que

¹ O município de Bananeiras está localizado na microrregião do Brejo paraibano. Sede do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), era uma das poucas cidades que até a década de 1920 possuía instituições federais.

² Campo da pesquisa acadêmica que estuda os softwares, seus sistemas e efeitos culturais na sociedade.



passou a ser guarda destes documentos digitalizados, denominado como “História da Educação do Município de Bananeiras – HEB”³.

Nesta ocasião conhecemos um senhor, autor de inúmeros livros sobre a história de Bananeiras. Por meio dele e de seu acervo pessoal, percebemos que inúmeras atividades de pesquisa poderiam ser desenvolvidas, tanto com relação a continuidade da composição do acervo digital do repositório, quanto aos demais aspectos que envolviam a história educacional da cidade. Responsável atualmente pelo *Memorial do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros* e pelo arquivo documental do *Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias – CCHSA/UFPB*, ele é conhecido na cidade apenas por "Seu Manoel", um alagoano que passou a ser concebido por nós, neste trabalho, como um "Guardador de Memórias".

Guiados pelos princípios da história oral, a partir de uma pesquisa descritiva, realizamos diversas entrevistas com ele, que serviram como norte para nos guiar no registro de suas memórias; enquanto outras foram realizadas com pessoas que com ele conviveram. Neste contexto, a entrevista é mais do que uma técnica:

Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias - as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem desencadear ao construir o passado de uma forma e não de outra. A entrevista de História oral deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais. (PINSKY, 2008, p.169)

Este tipo de metodologia é explorado por pesquisas que permitem aos sujeitos trazer à tona a análise de relatos de momentos que presenciaram ou vivenciaram, perpassados de elementos advindos da memória. Para Delgado (2003, p. 23), “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. Manejar a história oral como percurso metodológico é propiciar o encontro de fatos já vividos com a história pesquisada, estudada, analisada, e que por fim aparecem relatada em trabalhos acadêmicos.

Devido ao seu compromisso com a história, aos livros de memória publicados em vasta produção e aos cargos que assumiu em defesa do que é cultural na cidade de Bananeiras, ousamos conceber seu Manoel como um intelectual, não aquele costumeiramente concebido, relacionado à elite e à erudição, mas aquele que nasce do povo, pensador independente, crítico, comprometido e em sintonia com seu tempo.

O GUARDADOR DE MEMÓRIAS

Manoel Luiz Silva, nasceu do Estado de Alagoas, em União dos Palmares, na Fazenda Anhumas, filho de pais assalariados. Na adolescência foi interno da Escola Agrotécnica "Floriano Peixoto", em Satuba, para estudar os Cursos de Iniciação

³ Consulte o repositório digital HEB no seguinte endereço: <www.cchsa.ufpb.br/heb>



Agrícola e Mestria Agrícola, depois transferido para Escola Agrotécnica "Vidal de Negreiros", em Bananeiras - Paraíba, onde fez o Curso Colegial Agrícola, com formação em Técnico em Zootecnia.(SILVA, 2011, orelha do livro).

A citação acima, traz um olhar de si, descrito pelo seu autor na orelha do livro "Satuba Escolas de muitos... Privilegio de Poucos" (2011). Nesse livro, seu Manoel relata momentos da sua juventude enquanto estudante, especialmente entre os anos de 1958 a 1962 quando foi aluno interno da Escola Agrotécnica de Satuba, no estado de Alagoas. Esse registro de sua própria vida é justificado na apresentação da obra como fruto de um

[...]passado saudoso, envolvendo as coisas boas que se passaram e que não voltarão jamais, somente através da literatura para fixar na memória de colegas, amigos e contemporâneos toda uma história real em volta de uma escola que possibilitou a muitos o ensino, bem estar social e cultural, além do início de vida rumo ao futuro.(SILVA, 2011,p.14)

Satuba passa a ser o ponto de partida para uma história de vida percorrida em busca do conhecimento, considerado pelo autor como o motor propulsor de um futuro diferente do que vivera seus pais. Devido a má estrutura da escola, seu Manoel foi transferido para o Patronato Agrícola Vidal de Negreiros em 1965, permanecendo em Bananeiras desde então. Essa saída de seu lar e do seu estado para vivenciar uma formação profissional em outra cidade, simbolizaria: "[...] a intenção de tirar minha família - minha mãe e meu pai - daquela miséria que a gente vivia, lá na zona rural trabalhando" (SILVA, Entrevista, 2016)

A vinda para Bananeiras, o encontro com novos amigos, as lembranças dos tempos escolares, "as histórias e seus causos" como tópico específico de discussão no livro passa a ser o roteiro trilhado pelo autor para narrar parte de suas memórias na cidade. Esse e outros vínculos foram estabelecidos entre ele e Bananeiras, uma vez que o que o motivou a viver na cidade foi:

Primeiramente pelo fechamento da instituição, depois eu vim e fiz o curso de cooperativismo e me casei aqui em bananeiras, e daí a gente se tornou mais daqui, do que de outra cidade. Eu conheci muitas cidades, trabalhei, abri escritório da Emater em Belém, abri o escritório da cidade de Tacima, depois fui para Serraria e passei 8 anos. Depois fomos embora para o Recife e [...] e lá trabalhei com avicultura industrial. Ai depois eu voltei para Paraíba, e fui trabalhar na secretaria de agricultura, na classificação de agave e exportação de algodão. Daí voltei para Bananeiras, comprei até casa, meus filhos nasceram aqui, se educaram aqui, eu também, logicamente, recebi o título de cidadão bananeirense, tiveram consideração por mim aqui. Aqui é um clima bom, as pessoas são boas, é a única cidade que eu encontrei que não existe nada de contra. (SILVA, Entrevista, 2017)

Em Bananeiras, segundo os relatos, ele passa a ser reconhecido enquanto um intelectual, um sujeito que vive na e da História. Essa referência ao que é histórico levou seu Manoel a se intitular



como historiador⁴, assinando colunas em Blogs⁵ e autorias de livros com uma formação que intitula como ele gostaria de ser associado.

Nossa finalidade era mapear, a partir do contato com este senhor, as fontes que poderiam ser instrumentos de pesquisa para a história educacional de Bananeiras, tanto os livros de memória de sua autoria quanto os demais documentos por ele utilizados para confeccionar esta história discursiva sobre a cidade. A ideia era tomar seu Manoel como um sujeito que nos abriria as portas para a história da cidade, orientando nossos passos para desvendá-la a partir da ampliação do acervo digital do repositório HEB. As sensibilidades de suas memórias e a tessitura de uma história de amor ao saber acabaram sendo nossas parceiras de pesquisa, e anunciam projetos futuros com este guardador e também gestor de memórias cidadinas.

Mas é necessário refletir: Por quê um alagoano escreveria tantos livros sobre a história e a educação deste município? Que relações e afinidades ele estabelece com Bananeiras? Diante de um contexto tão árido de fontes sobre a educação desta cidade⁶ como podemos lançar mão de seus livros de memória e colocá-los em suspeição? Foi perseguindo estas indagações que desenvolvemos este artigo, tentando articular as tecnologias (com a composição do acervo do repositório digital) às memórias.

Autor de inúmeros livros publicados com recursos próprios, ou muitas vezes auxiliados por recursos advindos de órgãos públicos, seu Manoel diz ter sido contaminado pelo vírus da história. Os livros de memória de sua autoria são referências norteadoras para quem quer trabalhar com a história de Bananeiras, sendo resultado de pesquisas realizadas nos espaços de memória em que já trabalhou. Sua vasta produção foi concentrada no quadro a seguir:

Quadro 1: Livros de Memória

LIVROS DE MEMORIAS	ANO
Luz e Sombra: Cônicas e poemas de dona Hilda	1993
Reminiscências: Capítulos da história do Patronato Agrícola	1994
Vida e obra de José Augusto Trindade	1996
Bananeiras: sua história, seus valores	1997
Uma volta ao passado	1999
Bananeiras em Poemas e Crônicas	1999
Reminiscências: De Patronato a Colégio Agrícola. 80 anos de História	2004

⁴ Em entrevista, seu Manoel cita que já foi aluno do curso de História na Universidade Estadual da Paraíba, mas que não chegou a concluir o curso por questões de deslocamento, uma vez que para cursá-lo ele precisava viajar de uma cidade a outra.

⁵ As colunas estão dispostas em um Blog bastante conhecido na cidade, "Bananeiras Online" e estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.bananeirasonline.com.br/colunista/manoel-luiz/>>. São intituladas como: "No despontar de uma nova idade do CAVN" (01/09/2016) e "Bananeiras: uma visão do passado" (01/10/2016).

⁶ No projeto PIBIC desenvolvido em 2015 e 2016 anunciamos a dificuldade de garimpar jornais e demais documentos históricos produzidos na cidade, estando eles mais disponíveis em acervos pessoais.



Bananeiras: Apanhados Históricos	2007
Colégio Agrícola "Vidal de Negreiros". Sua História "em Poemas"	2009
Satuba: Escola de muitos, privilégio de poucos	2011
CAVN - Uma história para a posteridade. Fatos em Fotos	2012
História do Patronato ao Colégio Agrícola nos seus 90 anos	2014
90 anos CAVN: em comemoração aos 90 anos de história do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros	2014
De Freguesia a Paróquia de Nossa Senhora do Livramento. 180 anos Servindo em Missão (1835-2015)	2015
Bananeiras: Uma Visão do Passado	2016

Fonte: Quadro elaborado pela autoras, 2017

Estes livros de memória são “transpassados pela confluência de tempos, permeado pelas seleções, significações e elaborações, tendo como referência o presente e o lugar social ocupado pelos indivíduos” (CHAVES, 2017, p.3), neste caso o seu escritor. Caracterizados pela uniformização e pela estabilidade dentro de um olhar mais conservador da história dos grandes vultos, eles também estão repletos de um conteúdo factual que representa o desejo pelo registro do que é histórico, se definindo na apresentação de um texto que articula documento, oralidade e escrita.

Em meio a sua produção é possível encontrar conteúdos que se repetem, como nos livros "Reminiscências: Capítulos da história do Patronato Agrícola (1994), "Reminiscências: De Patronato a Colégio Agrícola. 80 anos de História" (2004) e "90 anos CAVN: em comemoração aos 90 anos de história do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros" (2014). Tais obras trazem uma mesma discussão e muitas informações redundantes que se apóiam num mesmo estilo e fonte de escrita. Dedicadas a narrar em diversos capítulos a história das direções que passaram pelo Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, os livros silenciam alguns anos, como por exemplo a gestão da primeira diretora mulher do Patronato, a professora Gloria de Lourdes Medeiros Guimarães, entre os anos de 1977 a 1985. Questionado a este respeito seu Manoel responde: "A residência onde eram guardados estes documentos era antiga e eu não consegui nada a este respeito" (SILVA, Entrevista, 2017).

Narrar a história de uma escola gerida por homens e durante muito tempo dedicada a educar apenas meninos conduziu o autor a um estilo de escrita machista, que desconsidera a participação das mulheres na história. Sobre este dado, em entrevista a nós concedida, cita a professora Glória Guimarães:

Eu quero muito bem a Manoel, mas você sabe que em tudo no mundo você não é dono da razão...Eu digo a ele: “Manoel, sobre a história dessa escola me procura, que em que eu não souber eu te digo pra tu ir procurar”. Mas, [...], a vaidade dele é demais e ele não permite outra discussão. [...] E você tem que ver quando você tá narrando uma história não é a história que você quer que fica, deve ser a história que na realidade aconteceu... Em palestras proferidas em comemoração ao aniversário da escola, onde eu e Oseias somos chamados a ministrar, ele pega os de Oséias e não pega os meus. Isso é discriminação de gênero, e ele não gosta quando eu digo...[...]. Ele nunca me citou, e quando me cita coloca meu nome errado. Ele não aceita, ele sabe que sei o que ele não sabe.

(Guimarães. Entrevista, 2017)

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Além da crítica a discriminação de gênero, a professora Glória Guimarães assinala problemas de conteúdo histórico nos livros, conforme ela cita:

Ele pegou um livro para escrever sobre o CAVN, e quem organizou aquelas ortografias não foi outra pessoa não, foi essa cabecinha aqui, junto com seu Ariosvaldo. (*mencionando sua participação na produção do livro*) [...]fui pra dentro do arquivo, juntei tudo, selecionei, com a memória perfeita, quando o livro é publicado que pego e olho vejo que: não condiz com a imagem, com o ano... Ai eu disse: "Manoel, mande identificar isso aqui, certamente quando foram transcrever isso aí transcreveram errado, por exemplo até 1968 o Colégio Agrícola pertencia ao Ministério de Agricultura, ligado a superintendência do ensino agrícola veterinário, e no livro tá como se fosse a Universidade Federal da Paraíba. Aí fica a história toda errada. (Guimarães. Entrevista, 2017) *Os grifos em itálico são nossos*

Interlocutora árdua dos escritos de seu Manoel, dona Glória expõe ser uma conhecedora profícua dos fatos que subsidiaram a história do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, além de possuir um arquivo pessoal bastante significativo. Em visita a sua casa alguns jornais foram a nós cedidos, e digitalizados já fazem parte do acervo digital do repositório HEB, como os jornais 'Era Nova' (1916), 'O Reco Reco' (1928) e 'O BA-TA-CLAN' (1926).

Voltando ao processo de confecção dos livros, seu Manoel utiliza os documentos existentes nos espaços de memória onde atua desde os anos de 1990 e que, como já mencionamos anteriormente, são: o *Memorial do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros*⁷ e o arquivo documental do *Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias – CCHSA/UFPB*. Abaixo seguem algumas imagens deste senhor nestes espaços de memória da UFPB, Campus III:



F1 F2.
Fonte: Acervo Iconográfico do Projeto, 2017

As figuras 1 e 2 trazem a imagem do Memorial, composto mais enfaticamente por móveis, fotos e demais objetos do antigo Patronato Agrícola Vidal de Negreiros. Já as imagens das figuras 3 e 4 apontam registros do arquivo documental do Centro, localizado na antiga casa da direção. Ele está constituído por um rico e extenso arquivo, repleto de documentações de alunos e professores do

⁷ "O acervo Memorial CCHSA/CAVN tem a finalidade da guarda e preservação da memória da instituição agrícola. Servindo também como fonte de pesquisas para estudantes pós graduandos, mestrandos, historiadores, professores e a comunidade estudantil da rede municipal, estadual e federal de ensino". Disponível em: <<http://www.cchsa.ufpb.br/cchsa/contents/paginas/institucional/memorial-cchsa-cavn>>.



Patronato, mas também do acervo documental específico pertencente ao CCHSA. Além da organização e limpeza do arquivo, seu Manoel confecciona capas em couro, como uma maneira de preservar a documentação das ações do tempo. A partir do período temporal, ele separa por décadas cada livro, conseguindo catalogar documentos entre os anos de 1923 a 1940.

Aqui eu faço a organização dos documentos, encadernação e organização dos processos dos ex-alunos. Cada pasta dessa tem mais de 5 mil documentos. A minha preocupação é colocar tudo no cantinho e ir preservando, cuidando do acervo. Esse arquivo já passou por mais de quatro cantos, uma vez foi o rato que estava comendo os documentos, outra vez foi o cupim e outra foi questões com a água... e a gente sempre mudando. Mas nestes armários tem prateleiras que se movem, ali é cheio de documentos e aí eu classifico. Por exemplo, os documentos dos alunos eu organizo por ordem alfabética, os documentos contábeis eu classifico pelo ano, os outros documentos como caderneta eu organizo pelo ano e pela matéria. *(E em média tem quantos documentos no acervo?)* Em termos de alunos eu tenho 3.200 pastas com a média de ano entre 1924 a 1958, pois aqui fica os documentos mais antigos e os documentos mais recentes, de 2013 a 2016, não ficam aqui, ficam em outra sala. (SILVA, Entrevista, 2017)

Recentemente a universidade adquiriu estantes móveis mecânicas, utilizadas em sistemas de arquivamento profissional. No entanto, muito há ainda para fazer, uma vez que a documentação mais antiga ainda continua sendo acondicionada em estantes de ferro ou em prateleiras. Em nossas pesquisas, ainda verificamos que existe uma vasta documentação a ser catalogada, mas há indícios que atestam a vinda de uma equipe do setor de Arquivologia para administrar o acervo.



F5

F6

F7

Fonte: Acervo Iconográfico do Projeto, 2017

Mesmo assim, seu Manoel é conhecedor e visitante assíduo destes espaços, e neles trabalha de forma solitária e voluntária, sem ganhos salariais, sendo considerado o responsável pela manutenção e pela gestão do arquivo. Em entrevista, a diretora do Centro Terezinha Dominiciano reconhece o trabalho que ele realiza no memorial:



Não temos funcionários e nem terceirizados para atuar no arquivo. Já fizemos vários pedidos a João Pessoa, para poder vir um servidor especificamente especializado nessa parte de arquivos, fazer um trabalho mais técnico, mais profissional. Seu Manoel é cheio de boa vontade, ai da gente se não tivesse ele, não teríamos nem 10% do arquivo que temos hoje. [...] lembro muito da emoção de seu Manoel quando a gente inaugurou o Memorial, ele queria dormir lá inclusive de tanta felicidade. *(A senhora tem confiança no trabalho de Seu Manoel?)* Tenho total confiança no trabalho nele. [...] ele é uma pessoa que não existe mais, o padrão dele de se doar, de ter um amor excepcional pela história do colégio, auxilia na preservação dessa memória para a comunidade. [...] eu acho que não existe mais uma pessoa assim, trabalhando por amor a causa! As gerações futuras vão perceber, não agora mas ao longo dos tempos, a função que ele desempenhava e a própria universidade vai saber agradecer a ele. (Dominiciano. Entrevista, 2017) *As palavras em itálico são nossas.*

O memorial foi criado em 2012, período em que a professora Terezinha também estava na Direção de Centro. Mas o vínculo entre seu Manoel e estes ambientes é bem anterior, ainda na gestão do professor Alírio Trindade Leite, quando diretor do Centro de Formação de Tecnólogos⁸ durante os anos de 1977 a 1985. Segundo seu Manoel, neste período existia um espaço onde estas documentações históricas ficavam guardadas, lá "[...] tinha um funcionário...ele que cuidava, era um funcionário leigo. Deu uma chuva forte aqui e molhou muitos documentos. Depois disso, uma professora pediu pra mim tomar de conta do negócio e Dr. Alírio me deu todo apoio pra mim trabalhar". (SILVA, Entrevista, 2017).

Nesta mesma gestão, em 1980 foi criada no Campus III a Escola de Educação Infantil "O Grãozinho" e a esposa de seu Manoel - Luzia Zilda de Andrade e Silva - foi indicada para compor o quadro de professoras, ficando lá até o ano de 1990. Estes aspectos endossam a relação familiarizada e afetiva que seu Manoel possui com a instituição, e é o que também narra a citação a seguir:

Estudei muito tempo no CAVN e acredito que faço hoje um trabalho bom, sendo modesto, fiz um trabalho muito perfeito. [...] A escola sempre me deu muita atenção, trabalhei na parte de contabilidade, na parte de departamento pessoal, isso quando eu estudava. Fiquei também a disposição da escola, pelo Estado. E quando eu fazia o curso de Cooperativismo fazia ao mesmo tempo o trabalho de ajuda na escola. Eu trabalhei no Arquivo, no almoxarifado, tudo aquilo ali eu passei. Naquele tempo não tinha tantos setores e eu era sempre chamado para trabalhar, eles sabiam que eu conhecia as coisas. [...] Por isso, eles sempre deram atenção a mim, para onde me botam eu vou, mesmo sem ganhar nada eu estou por lá. (SILVA, Entrevista, 2017)

Tantos anos dedicados a mesma instituição, sendo formado mas também formando, a partir da de gestão e organização destes espaços. Este vínculo entre seu Manoel e o CAVN ganha mais concretude por meio dos livros de memória sobre ele publicados, dos quinze livros seis se dedicam a descrever a história da escola. É neste trabalho no arquivo que este guardador de memórias garimpa fontes e dados para as suas produções. Além de uma pasta específica, com seu nome, dedicada as suas

⁸ Na gestão do Reitor Rômulo Soares Polari, por intermédio da Resolução de número 03/2008, aprovada no Conselho Universitário, o Centro de Formação de Tecnólogos passou a ter a designação de CCHSA - Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias.



doações ao acervo digital HEB, os Jornais O Disco Voador (1955), A Encrenca (1957 / 1958) e O Renovador - 1964/1965 foram também gentilmente cedidos por ele ao repositório.

Aposentado e trabalhando como voluntário na Universidade, ele mesmo custeia suas publicações, recebendo alguns recursos esparsos para manter sua produção. Ele cita a satisfação que tem em atuar nestes ambientes, mesmo que voluntariamente.

Eu adoro estes ambientes, me identifico, é uma coisa que gosto. Lá sei onde estão as coisas, onde estão os documentos, e sei da confiança que a direção tem em mim. Eles não permitem que alunos entrem aqui, não permitem funcionários, somente os que lá trabalham... Terezinha diz "Manoel entra aqui a qualquer hora". Não ganho nada, só a satisfação, a alegria e prazer que isso me dar. [...] de seis em seis meses, a diretora me dar um dinheirinho uns 500 a 600 reais. As vezes tiro do meu bolso, essa semana para terminar a pintura do memorial eu dei uma ajuda de 50 reais para o rapaz trabalhar no sábado, pois domingo era dia de visita. [...] Mas também vendo muito meus livros, eu vendi mais de 30 livros em um encontro, e isso me ajuda, dá para pagar o aluguel do meu prédio lá, e assim vou vivendo, inclusive arranjando amizades. (SILVA, Entrevista, 2017)

Durante nossa pesquisa, seu Manoel alugou uma sala, nomeada por ele como "Livraria", no centro de Bananeiras. Lá ele recebia turistas e vendia seus livros. No entanto, não chegou a passar muito tempo, tendo que fechar meses depois por não conseguir lhe dar com os gastos.



F8



F9



F10

Imagens da Livraria de Seu Manoel
Fonte: Acervo Iconográfico do Projeto, 2017

De formação baseada na área agrícola, se formou em Cooperativismo pela UFPB em 1981. No entanto, vivenciou outras experiências formativas, principalmente quando se aposentou, entre elas a participação no Encontro Estadual pela Preservação dos Bens Culturais (1998) e no Curso Preparativo para Agentes Municipais de Preservação de Bens Patrimoniais (2004), voltados mais especificamente para as funções que passou a assumir junto a Prefeitura Municipal de Bananeiras:

Quadro 2: Cargos comissionados

CARGOS	DATAS QUE CONSTAM NOS DOCUMENTOS CONSULTADOS
Vice Presidente do Conselho Municipal de Cultura e Turismo	1997
Diretor da Divisão de Cultura	1998 (83) 3322.3222



Coordenador da Biblioteca Pública Municipal Dr. José Antônio Aragão	2010-2012
--	-----------

Fonte: Quadro elaborado pela autoras, 2017

Seu Manoel, ainda na atuação do Conselho Municipal de Cultura e Turismo⁹, discutia a criação da Fundação Educacional Pedro Augusto de Almeida, com vistas a "[...] desenvolver atividades de preservação e apoio a cultura, ensino e pesquisa na região, com a valorização do patrimônio histórico e cultural do município" (Livro de Atas. Acervo do Centro Cultural Isabel Buriti, 1998). Estas propostas estavam condicionadas a criação do Estatuto Social da instituição, como também a escolha de seu conselho administrativo e fiscal. O escopo era o de proporcionar "[...] um trabalho com jovens para as artes, teatro, pintura, música, desenho, formação de guias de turismo, promoção de cursos e treinamentos, incentivo a preservação da cultura e do patrimônio histórico do município" (Idem).

Até o término de nossa pesquisa trabalho não conseguimos confirmar se a Fundação chegou a existir, no entanto presenciamos que ela não se encontra ativa em Bananeiras. Contudo, tal preocupação em participar de reuniões e registrá-las em atas - como também secretário de tal conselho - revelam o quanto esse senhor se envolve em projetos e em ações pelo compromisso que possui com a história e com a cidade.

Os demais registros encontrados no Livro de Atas endossam ainda a maior atuação de seu Manoel como diretor do Centro Cultural Isabel Buriti, sendo *a posteriori* coordenador da Biblioteca Pública Municipal Dr. José Antônio Aragão. Ambos se localizam em um mesmo espaço físico. Segundo ele, a criação do Centro se deu na gestão da prefeita Marta Ramalho (2008-2012)¹⁰ e partiu de uma ideia conjunta dos dois: "Eu trabalhei muito na prefeitura, eu me aposentei e depois fui chamado para trabalhar na biblioteca, Marta me chamou e fundamos juntos a biblioteca, lá não tinha nada"(SILVA, Entrevista, 2017). Ainda neste Centro, ele ficou responsável por um pequeno acervo de documentos históricos e obras raras, deixando o cargo por divergências políticas em 2013. Sobre a saída deste cargo ele menciona:

Eu trabalhei no período de Dona Marta, no ano de 2008, trabalhei também no tempo de Paulo Luís¹¹. Ai depois, na gestão de Paulo Luís disseram que não precisavam mais de mim, fui escanteado! Ele não dizia diretamente não, mais é um camarada que não entende o que é cultura. (SILVA, Entrevista, 2017)

Sobre o Centro Cultural Isabel Buriti não encontramos, até o término desta pesquisa, muitas informações contundentes e aprofundadas, como algum documento ou ata de criação, estatuto e

⁹ Compunha o Conselho os seguintes nomes: "[...]Onésimo Cesar Gomes, Arinaldo Frazão, Manoel Luiz da Silva, Pedro Batista de Andrade, José Carlos do Amaral, Benedito Lopes Matos, Antônio Valdomiro e as senhoras Maria do Livramento Miranda C. de Oliveira e Maria Lúcia de Andrade"(Livro de Atas, acervo do Centro Cultural Isabel Buriti, 1997),

¹⁰ Marta Ramalho foi a primeira mulher prefeita da cidade de Bananeiras, estando por 12 anos a frente da prefeitura da cidade.

¹¹ Paulo Luiz Carvalho Guimarães



finalidades. O que sabemos é que ele se situa em um prédio que agrega diversas funções, como a de auditório e a de Biblioteca, denominada como Dr. José Antônio Aragão. O prédio ainda conta com salas para oficina de artesanato, teatro, cinema, salão de eventos, banheiro e uma cozinha. E sedia também as Secretarias de Agricultura, Turismo e Cultura.

Ao sair do Centro Cultural seu Manoel passou a se dedicar inteiramente aos arquivos situados no Campus. Ainda quando indagado sobre de onde vem a inspiração para a produção de tantos livros, e todos publicados com poucos recursos, ele responde, "acho minha filha que fui contaminado pelo vírus da história" e continua:

Eu não sei não, isso ai foi... uma coisa sei lá (sic), caída do céu. Porque sempre trabalhei na Extensão Rural, tinha aquele entrosamento com as pessoas. Depois que eu sai, que fui morar em João Pessoa, conheci José Otavio de Arruda Câmara, Maurilio de Almeida, e outros escritores. Então eles me incentivavam muito a escrever alguma coisa sobre Bananeiras. E eu recebi esse incentivo, inclusive quando recebi o Título de Cidadão Bananeirense, aí tomei gosto pela coisa e escrevi. Hoje não paro mais. Parece que foi uma doença que entrou em mim, uma luz... E muita gente não sabe, não escreve. Hoje, por exemplo, temos pessoas aqui que não escrevem sobre Bananeiras. Escreve apenas piadas, um livrinho de contos. [...] E outra coisa, eu não olho isso com fins financeiros não. Eu escrevo pelo fato de querer colocar no papel as coisas, e existe pessoas que tomam conhecimento disso. Hoje graças a Deus, eu tenho essa fama, de está escrevendo essas coisas. Todo mundo me procura, e sempre dizem: Manoel eu vi você na televisão... E eu digo: eu??? Eu vi você falando sobre a cultura de Bananeiras. Recebi muito incentivo da prefeita Marta Ramalho, ali era uma pessoa que sabia valorizar a cultura e prezar pelo município. Então ela me deu muito incentivo, através desse Centro Cultural que nós criamos aqui, o "Isabel Buriti". E tinha um movimento muito grande, hoje a biblioteca de Bananeiras está empoeirada, uma bagaceira lá dentro, ninguém vai lá pesquisar nada. E quem toma conta é o pessoal que trabalha nos serviços gerais. Está tudo abandonado, a poeira comendo. (SILVA, Entrevista, 2017)

A saída de seu Manoel pode ter colaborado para a má estruturação que se encontrava a Biblioteca e a sala destinada as obras raras. Quando chegamos lá encontramos um espaço desordenado, o que nos levou a constituir o "Centro de Documentações Históricas de Bananeiras - CDHB", capítulos que sugerem a produção de outros artigos.

Considerações

Já no percurso final da pesquisa, ficamos cientes de um novo livro a ser publicado por seu Manoel, desta vez voltado a trazer um levantamento dos ex alunos do Patronato Agrícola. "Eu estou fazendo a relação de todos os alunos de 1930 que terminaram, já estou no ano de 2001. Já estou com 86 folhas no computador. Vou ver se consigo mapear até o ano de 2010"(SILVA, Entrevista, 2017). Sobre isto, indagamos o que achava de ser nomeado como um "guardador de memórias" em Bananeiras, e ele responde: "Me acho, assim, um preservador de memórias. (*Por que um preservador e não um guardador de memórias?*) Porque minha preocupação não está em guardar, mas em conservar a história da escola. Não suportaria em ver alguém chegar e destruir um documento desse...



é muito forte assim para mim". (SILVA, Entrevista, 2017). *os grifos em itálico são nossos.*

Talvez por este motivo, pelo desejo de publicar os feitos e os fatos da história do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, instituição que o formou e onde hoje trabalha voluntariamente, que seu desejo parta não da guarda destas memórias, mas sim da divulgação de histórias que acabam se mesclando a sua própria vida, como membro integrante deste momento da história da cidade.

Se torna ainda válido apontar que outros trabalhos¹² como este estão sendo desenvolvidos no âmbito dos programas de ensino e extensão da UFPB, e que discutem a história e a educação patrimonial. Como escopo destas ações criamos o Grupo de Pesquisa “História da Educação do Brejo Paraibano – HEBP”¹³, que está dividido em três linhas de pesquisa: 1. História e Formação de Professor, 2. História e Gênero e 3. História, Educação e Patrimônio, com vistas a melhor contribuir e consolidar as discussões que cercam a história da Educação do brejo da Paraíba.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Cintya. *Os enlaces da Memória com a Escrita: Os livros memorialísticos como fontes para se tecer a História*. Disponível em:

<<http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos.htm>>. Acesso em 14/07/2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006..

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Manoel Luiz da. *Satuba: escolas de muitos, privilégios de poucos*. João Pessoa, 2011.

Entrevistas:

DOMINICIANO, Terezinha. *Entrevista*. Bananeiras, 2017.

GUIMARÃES, Glória de Lourdes Medeiros. *Entrevista*. Bananeiras, 2017

SILVA, Manoel Luiz. *Entrevistas*. Bananeiras, 2016 e 2017.

¹² PROLICEN (2017): “Sob os signos históricos da cidade: Bananeiras e a Educação Patrimonial” (objetiva trabalhar com a produção de uma cartilha digital que auxilie na discussão da educação patrimonial de Bananeiras); PROBEX (2017): “A educação patrimonial em Bananeiras: trabalhando com a história e com a memória da cidade” (trabalha com a formação de graduandos, por meio de oficinas temáticas, para o trabalho com crianças na perspectiva da educação patrimonial). Já o projeto “A educação patrimonial em Bananeiras: uma articulação integrada entre a história, a memória e a cidade”, desenvolvido por meio do Programa UFPB no seu município – Educação, Arte e Cultura (2017), integra atividades segundo a metodologia da educação patrimonial a serem realizadas com professores da rede pública de ensino da cidade.

¹³ Para acessar o grupo no Diretório de grupos de pesquisa do CNPQ, acessar: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9244025594549006>>